

## PATRIMÔNIOS E PERIFERIAS FRENTE AO TURISMO

Ângelo Serpa

Departamento de Geografia – Universidade Federal da Bahia

[angserpa@ufba.br](mailto:angserpa@ufba.br)

### Resumo

Discute-se no artigo as ideias de patrimônio e turismo numa perspectiva popular, buscando-se desenvolver parâmetros para uma análise que valorize uma visão popular de patrimônio ou uma compreensão popular de turismo. Questionam-se os sentidos que podem ganhar as noções de “patrimônio” e “turismo” em contextos supostamente “periféricos” ou “populares” e que caminhos poderiam ser trilhados pela Geografia Escolar em tais contextos. São apresentados também resultados de atividades desenvolvidas junto a alunos de escolas públicas de três bairros populares de Salvador-BA, reconhecendo-se ao final do artigo a importância e a necessidade de outro olhar sobre a realidade das áreas urbanas populares, entendendo-as como espaços vividos e experienciados por seus habitantes.

**Palavras-chave:** Patrimônio; Turismo; Periferia; Bairro Popular; Geografia Escolar

### Abstract

#### HERITAGES AND PERIPHERIES FORWARD TO TOURISM

The article discusses the ideas of heritage and tourism in a popular perspective, seeking to develop parameters for an analysis that values a popular view of equity or a popular understanding of tourism. The article questions the way they can win the notions of "heritage" and "tourism" in contexts supposedly "peripheral" or "popular" and which ways could be pursued by the School Geography in such contexts. Are also presented results of activities undertaken with students in public schools in three districts of Salvador, Bahia, recognizing the end of the article the importance and need for another look at the reality of urban popular, considering them as lived spaces and experienced by the habitants.

**Keywords:** Heritage, Tourism, Outskirts; Popular Neighborhood; School Geography

---

### Introdução

Discutir as ideias de patrimônio e turismo numa perspectiva popular, ou, ao menos, desenvolver parâmetros para uma análise que busque uma visão popular de patrimônio ou uma compreensão popular de turismo, é tarefa árdua, mas certamente profícua, para uma reflexão que se queira aprofundada sobre o papel das periferias diante de tais temáticas. Que sentidos podem ganhar as noções de “patrimônio” e “turismo” em um contexto supostamente “periférico” ou “popular”?

Que caminhos poderiam ser trilhados pela Geografia Escolar em tais contextos? Um descobrir recíproco entre iguais em suas diferenças, gerando conhecimento novo sobre as paisagens e os lugares urbanos?

Isso é mesmo possível?

Antes de tudo, é preciso admitir com Mitchel (1999) e Cosgrove (1998), que existem culturas ou ideias de cultura dominantes e sub-dominantes ou alternativas, admitindo-se também a possibilidade de um universo popular como uma matriz diferenciada para a compreensão de noções como patrimônio, turismo e “periferia”.

É preciso, nesse contexto, também considerar, como já fizemos em outras ocasiões (SERPA, 2002), a existência de um padrão periférico de ocupação nas áreas populares das metrópoles contemporâneas.

O termo “periferia” explicita, em geral, áreas localizadas fora ou nas imediações de algum centro. Todavia, muitas áreas afastadas dos centros das cidades não são entendidas, atualmente, como periféricas. O termo absorveu uma conotação sociológica, redefinindo-se. Dessa forma, “periferia” hoje significa também aquelas áreas com infraestrutura e equipamentos de serviços deficientes, sendo essencialmente o *locus* da reprodução sócio-espaial da população de baixa renda e com baixa escolaridade (SERPA, 2002).

Nos espaços populares das metrópoles contemporâneas, a falta de planejamento e o grande número de construções irregulares fecham acessos e impedem a circulação, isolando áreas públicas e, muitas vezes, inviabilizando sua apropriação para moradores (e para turistas e visitantes).

### **Mais que educar pelo turismo, educar através dos espaços vividos pela população**

Os espaços populares das metrópoles contemporâneas são, para seus moradores, espaços vividos, não só em sua “precariedade infraestrutural” e através de seus inúmeros problemas sociais, mas também como espaços de moradia, onde se trabalha e estuda, onde também se busca o lazer e a diversão.

Essas experiências cotidianas podem muito bem ser denominadas como “experiências de lugar”, que vão consolidando os espaços populares das metrópoles como bairros, como espaços experienciados, e, sobretudo, como um patrimônio urbano de caráter popular, muitas vezes desconhecido ou desconsiderado pelo turismo e pela população dos bairros de classe média das cidades na contemporaneidade.

Mesmo com déficits evidentes de infraestrutura, com o quadro generalizado de pobreza, desemprego e problemas ambientais, os bairros populares da metrópole são muitas vezes centrais para a diversidade social e cultural no espaço metropolitano. No caso de Salvador e sua região metropolitana, isso acontece apesar da concentração dos equipamentos culturais nos bairros de classe média.

Importante observar nesse contexto que não se trata, de modo algum, de uma ideia hegemônica de “cultura erudita”, mas, ao contrário, de ideias de cultura alternativas à cultura dominante, que se manifestam no dia a dia das áreas populares da metrópole (SERPA, 2004 e 2007a).

Se levarmos a sério a ideia de “cultura popular”, então seria necessário também questionar a inadequação dos equipamentos culturais e a política de gestão e produção cultural nas metrópoles contemporâneas.

De modo paradoxal, os espaços populares das periferias metropolitanas transformam-se em centros de cultura urbana em Salvador, no “coração” de diferentes manifestações da cultura afro-brasileira, como os blocos afro Ilê Aiyê e Araketu, por exemplo. Como local de nascimento de muitos artistas, que encontram grande sucesso na indústria cultural do país, as áreas populares das periferias soteropolitanas desempenham um papel central na maior festa de rua do planeta: o Carnaval de Salvador (SERPA, 2007b).

É fácil perceber que estamos aqui longe das noções hegemônicas de patrimônio exploradas pelo turismo convencional ou de massa, embora muitas manifestações culturais populares sejam incorporadas à lógica do consumo cultural e da mercantilização da cultura.

Sob essa lógica hegemônica, tudo vai sendo organizado para tornar-se espetáculo em prol do incremento da atividade turística, concentrando os lucros nas mãos de poucos empreendedores e empregando a população local em funções subalternas, sem programas efetivos de qualificação de mão-de-obra ou de estímulo às microempresas do turismo (SERPA, 2007c).

Em Salvador, isso ocorre tanto no centro antigo – agora transmutado em “centro histórico”, inserindo-se como “memória”, nos circuitos da indústria da cultura e do turismo<sup>1</sup> – como nos municípios praianos da região metropolitana. É um turismo majoritariamente financiado pelo Governo do Estado, em parceria com o Banco Interamericano de Desenvolvimento (SERPA, 2007c).

A conservação patrimonial internacional produz uma estética urbana “exibicionista” para o turismo, numa tentativa de objetivar a “beleza da cidade” para o consumo cultural. Contraditoriamente, este modelo de conservação vai tornando as cidades cada vez mais parecidas, contribuindo para a homogeneização dos lugares, operacionalizando o padrão

---

<sup>1</sup> “Essa indústria encontrou ‘seus parceiros’ na velha elite patrimonialista e no setor imobiliário que viam, a contragosto, os novos usos que a ‘sociedade de massa’ estava impondo aos velhos espaços citadinos. É por isso que, estrategicamente, as políticas urbanas aparecem como requalificadoras daqueles espaços que pinçam aqui e ali ‘produtos-obra’ da história urbana, para que, como coisas, esses produtos sejam transfigurados em objetos começando a integrar novos circuitos de valorização” (SEABRA, 2001, p. 81).

UNESCO em contextos culturais absolutamente diversos. A particularidade cede espaço ao modelo internacional, institucionalizando a museificação das cidades ao redor do mundo (SERPA, 2007c).

Para Henri-Pierre Jeudy (2002)<sup>2</sup>, o poder exagerado da estética vai culminar em uma negação da ética de uma cidade. Assim, com o tempo, o patrimônio “reinventado” para o consumo turístico acaba recuperando sua verdadeira historicidade perdida. No Centro Histórico de Salvador, por exemplo, já é visível a deterioração das fachadas, como se a cidade estivesse “vingando-se” da imagem produzida para o turista. Conforme Jeudy, não se pode esquecer o fato de que há um poder da própria cidade, que também produz sua própria estética.

É evidente que essa estética patrimonial local é produzida no dia a dia dos bairros populares das cidades e que a noção de patrimônio ganha novas cores e matizes sob essa perspectiva. Assim como são múltiplas as idéias de cultura, também é diversa a compreensão de “patrimônio” nas áreas populares metropolitanas.

### **Uma estética patrimonial local e popular?**

Para os moradores dos bairros populares de Salvador<sup>3</sup>, cultura significa arte, música, o aprendizado cada vez mais amplo, para ser passado às próximas gerações, tudo que vem do passado, construído ao longo do tempo e das gerações, o acervo de conhecimentos de uma comunidade, tudo aquilo que marca um lugar, as raízes étnicas e as festividades. Muitos associam cultura à dança, ao artesanato, à conscientização, à tradição (SERPA, 2007c).

“Tradição” é uma palavra-chave para entender as acepções populares de patrimônio e cultura, especialmente em Salvador e na Bahia, onde tradições são inventadas e reinventadas cotidianamente através da criatividade dos moradores das áreas populares da cidade.

No bairro do Curuzu, por exemplo, são notáveis os aspectos culturais que demonstram sua forte ligação com as tradições afro-brasileiras. As manifestações culturais “emergentes” (COSGROVE, 1998) vão se tornando, gradativamente, hegemônicas no bairro. Mas, elas só podem ser consideradas “emergentes” vistas no contexto da cidade, como afirmação da cultura negra numa metrópole desigual e segregacionista.

---

<sup>2</sup> A CIDADE não é Museu. Entrevista de Henri-Pierre Jeudy a Nadja Vladi. *Jornal A Tarde*, 2º Caderno, p. 1, 1/12/02.

<sup>3</sup> Relatos obtidos a partir das pesquisas do Projeto Espaço Livre de Pesquisa-Ação do Departamento e Mestrado de Geografia da Universidade Federal da Bahia, num universo de oito bairros populares em Salvador. Sobre a aplicação do conceito de redes sociais para amostragem dos entrevistados ver Serpa, 2005.

A emergência do bloco Ilê Aiyê no bairro do Curuzu, irradiando seu sucesso para a cidade e o Mundo<sup>4</sup>, parece indicar a possibilidade de revalorização da experiência para as manifestações culturais populares, no sentido indicado por Benjamin (1996), baseada numa filosofia do tribalismo e numa visão coletivista (DANTAS, 1996; SERPA, 2004).

Embora muitas dessas tradições populares venham desaparecendo ou sendo paulatinamente incorporadas ao circuito turístico e de espetáculos da cidade, nos bairros populares, muitas vezes à margem de qualquer subsídio ou lei de apoio à cultura, manifestações “alternativas” vão surgindo ou “teimosamente” persistindo.

São manifestações “esquecidas” pela mídia e pelo *marketing* turístico, como a capoeira, as rendeiras, a costura artesanal, as festas de pescadores, os grupos de teatro popular, as festas promovidas pelas associações de moradores, os autos de natal, os corais, os carnavais de bairro, o maculelê, os blocos e as danças afro. Na maioria das vezes, é no espaço das associações de moradores, das paróquias e dos terreiros de candomblé, que essas manifestações encontram algum espaço de expressão.

Este é, de fato, o patrimônio das áreas populares de Salvador, embora na maior parte das vezes não reconhecido como tal por seus habitantes, já que “patrimônio” ou “patrimônio imaterial” são noções que soam pouco familiares para a maioria de nossos entrevistados nas pesquisas realizadas na cidade. Isso indica também a existência de uma estética patrimonial particular nas áreas populares, uma estética baseada nas experiências da população com seus espaços vividos e cotidianos.

### **O papel da Geografia Escolar: um caminho possível?**

Trabalhando com alunos de escolas públicas nos bairros da Ribeira e do Curuzu, no âmbito das atividades da disciplina GEO 458 - O Bairro em Imagens vai à Escola<sup>5</sup>, fomos surpreendidos com um conhecimento “patrimonial” consolidado na percepção dos estudantes, em passeios pelos bairros e em outras atividades didático-pedagógicas realizadas ao longo de um ano.

---

<sup>4</sup> Primeiro bloco afro da Bahia, o Ilê inicia sua história em 1º de novembro de 1974, no Curuzu. O objetivo da entidade é preservar, valorizar e expandir a cultura afro-brasileira. O Ilê Aiyê foi fundado por jovens negros do Curuzu, com faixa etária de 17 a 19 anos. Esses jovens sempre buscaram formas de entretenimento no bairro, organizando passeios, grupos de samba, rezas de Santo Antonio, carurus de São Cosme, times de futebol. Com três mil associados, o Ilê Aiyê é hoje um patrimônio da cultura baiana, um marco no processo de reafricanização do Carnaval da Bahia.

<sup>5</sup> Disciplina de graduação oferecida a diferentes cursos da Universidade Federal da Bahia, no âmbito do programa Atividade Curricular em Comunidade entre os anos de 2003 e 2006.

Como ponto de partida, para o trabalho nas escolas, os alunos e professores das disciplinas de Geografia, História, Artes e Cultura Baiana foram introduzidos nas temáticas dos vídeos-documentário gravados em semestres anteriores<sup>6</sup>, com depoimentos de moradores dos bairros do Curuzu e da Ribeira, sobre questões diversas, como a infraestrutura urbana, o comércio, os serviços, o lazer, a cultura etc. (CASTRO; SERPA, 2007).

No Curuzu, organizados em seis grupos, os alunos, após uma visita guiada, quando registraram em fotografias o que consideravam relevante no bairro, receberam as fotografias para selecioná-las e com elas confeccionar painéis, construindo coletivamente uma frase para intitulá-los, “resumindo” o que significava para cada grupo as áreas que visitaram. Os painéis foram assim intitulados (CASTRO; SERPA, 2007):

Grupo 1 - “Conhecendo o Curuzu”;

Grupo 2 - “Curuzu”;

Grupo 3 - “Pontos turísticos do Curuzu”;

Grupo 4 - “Curuzu – um bairro lindo de se ver”;

Grupo 5 - “Pontos de referência do Curuzu e +”;

Grupo 6 - “Visitando e conhecendo o Curuzu”.

Esses painéis decoraram a quadra de esportes da Escola Pierre Verger, local de um debate realizado no dia seguinte. Na avaliação dos alunos da escola, as atividades desenvolvidas foram fundamentais para a compreensão da importância do bairro como espaço da experiência: *“Eu gostei muito dessas atividades, mexeu muito comigo e desenvolveu minha mente para saber mais do Curuzu, eu moro na Liberdade, mas eu não sabia da vida desse bairro, isso foi muito importante para mim”* (Joice Aleluia, Estudante, 8ª M1, Escola Pierre Verger).

Interessante perceber pelos títulos dos painéis a postura de visitantes e “aprendizes” dos alunos em relação ao bairro onde se localiza sua escola, com a identificação de pontos de referência ou “turísticos”. Durante a visita ao bairro, os alunos foram advertidos que, para cada fotografia que fizessem, seria necessária uma justificativa. Alguns alunos apontaram elementos mostrados no vídeo, como, por exemplo, uma senhora idosa na janela de sua casa, que foi observada e fotografada por uma aluna, sob a justificativa da busca de moradores antigos do bairro. Uma atenção especial também foi dada à sede do bloco afro Ilê Aiyê e ao

---

<sup>6</sup> Trata-se dos vídeos “Ribeira: Uma Comunidade em Rede” e “Curuzu, o Coração da Liberdade”. Ver a esse respeito, Brito e Serpa, 2004b.

“canal” (esgoto canalizado) que corta a rua Nadir de Jesus, próximo à Avenida San Martin (CASTRO; SERPA, 2007).

Na Ribeira, os alunos da escola Victor Soares, motivados pelas atividades anteriores e, como no Curuzu, estimulados por câmeras fotográficas descartáveis distribuídas aos grupos, registraram também, através de fotos, suas impressões dos locais mais significativos da Ribeira, mostrando não só os pontos turísticos, como também o abandono e os problemas de algumas áreas do bairro (CASTRO; SERPA, 2007).

A turma foi dividida em dois grandes grupos de 16 alunos. Os estudantes da disciplina O Bairro em Imagens vai à Escola também foram divididos em dois grupos de três integrantes cada, sendo auxiliados no trajeto por professores da escola. A fim de consolidar a visita ao bairro na percepção dos alunos, cada grupo explicou, no encontro seguinte e já com as fotos reveladas, a escolha dos registros, salientando o que aprendeu e o que já sabia da história e do cotidiano do bairro, ao longo do trajeto percorrido (CASTRO; SERPA, 2007).

Estas atividades tiveram como objetivo principal aguçar o interesse dos alunos para a sua realidade cotidiana, já que o “vivido” pelo aluno é expresso em seu espaço diário e banal, enfatizando o bairro como espaço de ação, bem como sua importância na vivência/experiência de seus moradores (alunos). Para alcançar tal objetivo, procuramos entender/analisar a relevância dos conteúdos dos registros fotográficos, a saber (CASTRO; SERPA, 2007):

- O largo da Mandragoa, registrado mais de uma vez, foi justificado como um local frequentado com assiduidade pelos alunos, o que nos faz pensar esse largo como “lugar”, em contraposição ao “não-lugar”, teorizado por autores da geografia humanística, como Tuan (1983) e Relph (1979). O mesmo pode ser dito do Ribeira *Shopping* e da balaustrada da orla da praia, que receberam a mesma justificativa dos alunos.
- A praia, um dos pontos mais registrados, recebeu justificativas distintas: como ponto turístico e de diversão para os moradores locais ou para enfatizar as críticas no tocante à qualidade do saneamento e da coleta de lixo no bairro. Há fotos que revelam uma paisagem romântica da praia da Ribeira e outras que mostram ratos mortos, lixo e poluição da praia.
- Outro ponto registrado como atrativo turístico foi a famosa Sorveteria da Ribeira, justificada como um ponto de encontro conhecido do bairro, que atrai, inclusive, moradores de outras áreas da cidade.

- O atual *Pier* Salvador foi pouco fotografado, porém alguns alunos justificaram o registro com a informação de que ali funcionava um restaurante destruído por um incêndio.
- As diversas sedes dos clubes de regatas existentes na Ribeira são referenciadas como de importância para o desenvolvimento dos esportes no local e a atividade esportiva como opção de lazer para os moradores (alunos).
- A atividade pesqueira, pertinente ao bairro, não passou despercebida: é possível verificar uma foto onde aparece Seu Raimundo, conhecido pescador, vendendo peixes e crustáceos no calçadão da praia; a aluna Rebeca fez a foto com o argumento de aquela cena ser comum ali. Um dos alunos (Paulo Julio), cujo pai é pescador, fez questão de fotografar a embarcação na qual o genitor trabalha (esse relato foi feito pelo aluno no dia da realização das fotografias).
- O Clube Marina da Penha é visto por alguns alunos como opção de lazer, tendo em vista a realização de shows de pagode, que acontecem ali.
- Ao antigo Casarão da Família Amado Bahia (fotografado por todos os grupos) foi dada importância histórica, sendo destacada também sua beleza arquitetônica.
- Uma antiga fábrica de óleo de mamona, no Subúrbio Ferroviário de Salvador, do outro lado da enseada, e que pode ser vista da Avenida dos Tainheiros, foi timidamente registrada, talvez por não fazer parte “do universo da Ribeira” na percepção dos alunos...

### **A Guisa de Conclusão: Derrubando os “muros” reais e imaginários**

Outra experiência mais recente, na Escola Polivalente do bairro do Nordeste de Amaralina, localizado na Orla Atlântica de Salvador, pode ajudar a lançar novas luzes sobre as problemáticas tratadas aqui. O bairro é conhecido como o de maior densidade populacional do município e considerado por seus moradores e de outros bairros da cidade, como um local “violento”.

Fui convidado para encerrar as atividades desenvolvidas ao longo do segundo semestre de 2008 com os alunos da 5ª série noturna pelo professor de Geografia da turma, Denilson Alcântara, e pela mestrandia em Geografia da UFBA, Cláudia Alves dos Santos<sup>7</sup>. As

---

<sup>7</sup> A mestrandia desenvolvia à época, sob minha orientação, pesquisa de mestrado intitulada “A Violência no Contexto dos Lugares Vividos e Percebidos na Cidade de Salvador: Estudo de Caso nos Bairros da Pituba e do

atividades desenvolvidas (discussão sobre a identidade e os limites do bairro e confecção de mapas mentais) culminaram com um debate realizado em dezembro do mesmo ano com os alunos envolvidos.

Dois fatos chamaram atenção: a diversidade de faixas etárias (senhoras de meia idade e jovens adolescentes numa única turma) e o grande espaço em volta da escola cercado por um muro muito alto. Comecei a conversa-debate com o tema densidade para chegar junto com os alunos à conclusão de que havia poucos espaços de lazer disponíveis no bairro. E à questão: como se apropriar do espaço em volta da escola de forma efetiva como uma área utilizável não só para os alunos, mas para todos os moradores do Nordeste de Amaralina?

Radicalizei intencionalmente no argumento de que o muro impedia uma apropriação efetiva daquele espaço, o que ocasionou comentários críticos dos alunos, que consideravam o muro necessário. Lembrei do clássico “Morte e Vida de Grandes Cidades” de Jane Jacobs e de seu princípio mais elementar de que o melhor controle social é o uso e a apropriação do espaço e não a utilização de grades e muros.

Tentei demonstrar isso através de exemplos de parques e praças da Zona Leste de São Paulo, onde havia realizado pesquisas em 1995, apontando para algumas áreas públicas onde o cercamento contribuiu para um isolamento ainda maior dos espaços e um consequente aumento de ocorrências policiais. Apesar do ceticismo de alguns, ficou evidente o entusiasmo da maioria ao perceber que a escola e o espaço em volta dela pertenciam aos moradores do bairro, era um verdadeiro patrimônio coletivo, pronto para ser apropriado, reinventado, recriado...

Como dito no início deste artigo, espaços livres de edificação que possam ser apropriados pela população são raros nos bairros populares das metrópoles contemporâneas e, muitas vezes, quando existem, não sofrem qualquer tipo de intervenção que favoreça sua apropriação. Ou então, são confiscados ao uso pela construção de muros ou pelo sentimento reinante de insegurança entre os potenciais usuários.

Falar de patrimônio e de turismo em contextos assim requer outro olhar sobre a realidade das áreas urbanas populares, reconhecendo-as como espaços vividos e experienciados e dando oportunidade para a população se manifestar sobre essas questões. É claro que a Geografia que se ensina nas escolas pode ser um instrumento imprescindível para a criação de alternativas e de novos olhares sobre as temáticas aqui discutidas!

---

Nordeste de Amaralina”, no Mestrado em Geografia da Universidade Federal da Bahia, defendida em novembro de 2009.

## Referências Bibliográficas

- A CIDADE não é Museu. Entrevista de Henri-Pierre Jeudy a Nadja Vladi. *Jornal A Tarde*, 2º Caderno, p. 1, 1/12/02.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas I – Magia e Técnica, Arte e Política / Ensaio sobre Literatura e História da Cultura*. 7ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.
- BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. *Ribeira: Uma Comunidade em Rede*. 2004a (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo).
- BRITO, Marcelo Sousa; SERPA, Angelo. Percepção e Cultura na Periferia de Salvador: O Bairro em Imagens, uma Experiência de Ensino, Extensão e Pesquisa. In: Eleonora Schettini Cunha; Alysson Massote Carvalho (orgs.). *(Re) Conhecer Diferenças – Construir Resultados*. Brasília: UNESCO, 2004b, p. 154-161.
- BRITO, Marcelo Sousa; CATHALA, Jan ; SERPA, Angelo. Curuzu. *O Coração da Liberdade*. 2005 (Desenvolvimento de material didático ou instrucional - Vídeo).
- CASTRO, Hozana Barros; SERPA, Angelo. Do Curuzu para a Ribeira: em busca do lugar. In: Angelo Serpa. (Org.). *Cidade Popular - Trama de Relações Sócio-Espaciais*. Salvador: EDUFBA, 2007, p. 143-169.
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas paisagens Humanas. In: Roberto Lobato Correa; Zeny Rosendahl (orgs.). *Paisagem, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92-122.
- DANTAS, Marcelo. Gestão, Cultura e *Leadership* – o Caso de Três Organizações Afro-Baianas. In: Tânia Fischer (org.). *Gestão Contemporânea – Cidades Estratégicas e Organizações Locais*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 151-163.
- JACOBS, Jane. *Morte e vida de grandes cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MITCHELL, Don. Não existe aquilo que chamamos de cultura: Para uma reconceitualização da idéia de cultura em Geografia. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 8, p. 31-51, agosto/dezembro, 1999.
- RELPH, Edward. As bases fenomenológicas da geografia. *Geografia*, Rio Claro-SP, v. 4, n. 7, p. 1-25, abril de 1979.
- SEABRA, Odete. Urbanização e fragmentação: apontamentos para o estudo do bairro e da memória urbana. In: Maria Encarnação Beltrão Sposito (org.). *Urbanização e Cidades: Perspectivas Geográficas*. Presidente Prudente: UNESP/GAsPERR, 2001, p. 75-95.
- SERPA, Angelo. A Paisagem Periférica. In: Eduardo Yázigi (Org.). *Turismo e Paisagem*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2002, p. 161-179.

SERPA, Angelo. Experiência e Vivência, Percepção e Cultura: Uma Abordagem Dialética das Manifestações Culturais em Bairros Populares de Salvador. *Ra'e ga - O Espaço Geográfico em Análise*, Curitiba, n. 8, p. 19-32, 2004.

SERPA, Angelo. Mergulhando num mar de relações: redes sociais como agentes de transformação em bairros populares. *Geografia*, Rio Claro-SP, v. 30, n. 2, p. 211-222, 2005.

SERPA, Angelo (Org.). *Cidade Popular - Trama de Relações Sócio-Espaciais*. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia - EDUFBA, 2007a.

SERPA, Angelo. Periferização e metropolização no Brasil e na Bahia: O exemplo de Salvador. *Geotextos* (UFBA), v. 3, p. 31-46, 2007b.

SERPA, Angelo. *O Espaço Público na Cidade Contemporânea*. São Paulo: Editora Contexto, 2007c.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar*. São Paulo: DIFEL, 1983.